



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 111/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

A UTOPIA

O filme de Silvio Tendler me induz a escrever este Correio. É um cineasta de talento comprovado que, depois de documentar personalidades importantes da nossa História, como JK e Jango, e de nossa cultura, como Milton Santos, resolveu dedicar vinte anos de trabalho para documentar o tempo da sua vida; que é o mesmo da minha depois da juventude; daí minha emoção.

O século vinte, que começa com a Revolução Russa e acaba com a Derrocada Soviética, o meu século, o século documentado por Silvio Tendler no seu prisma de vida, é um tempo de paroxismos históricos paradoxais. Utopia e violência, ou utopia e barbárie, como diz o título, conviveram em formas espantosamente paroxísticas, nos mil e novecentos, deixando o espectador de hoje em retrospectiva absolutamente estupefato diante das cenas reais que o filme exhibe. E esse pasmo diante do real acontecido suscita a meditação sobre a utopia; sobre a política e sobre a história, e sobre esse devaneio da política e da história, que é a utopia.

As duas famosas descrições de sociedades ideais, inexistentes na realidade, sendo conscientes seus autores do seu caráter imaginário, foram “A República” de Platão e a “Utopia” de Thomas More, separadas por um intervalo de dois mil anos. Foram fantasias conscientes, como disse, feitas, porém, com o propósito de indicar, pela razão, caminhos de evolução das organizações da sociedade humana em direção a um modelo de felicidade coletiva, inatingível porém visível no limite do horizonte. Modelo racional e secular, mundano, de organização, não de caráter religioso, celestial, como a Cidade de Deus de Santo Agostinho.

E isto é a Utopia: um modelo, não a realizar, a atingir, e sim para guiar, para orientar a caminhada política. O erro das gerações do século vinte foi o de pretender realizar a utopia, mudar a humanidade com uma revolução e implantar, de uma vez, o sonho da sociedade essencialmente justa, ética, perfeitamente democrática. Erro calamitoso: a Revolução naturalmente encontra resistências fortes, para vencê-las tem de apelar para a força, para a imposição do seu poder através da ditadura, provisoriamente, em princípio, permanentemente, na realidade; e a ditadura naturalmente suscita também descontentamentos, resistências vindas dos conservadores e do próprio grupo revolucionário; e a resistência, pela sua própria natureza, é contra-revolucionária, e precisa ser dominada, esmagada, com o uso da violência, claro, o único meio, e violência, todos sabem, gera violência, e o resultado acaba sendo uma desgraça. Dizer-se que no caso da China não o foi para mim é muito prematuro: ninguém sabe direito quantos milhões de chineses foram trucidados, durante a longa Revolução dos anos quarenta e, depois, na Revolução Cultural; o que sabemos é que, depois da revolução, a China teve que fazer reajustes políticos profundos, para compactuar com a realidade, e o processo ainda não chegou ao fim.

Sim, concordo em que em Cuba não houve desgraça, mas não há como negar que o povo cubano vive, há anos, em situação deplorável, de grande carência de itens de consumo essencial, e o risco de perder-se completamente a Revolução, com a volta triunfal do capitalismo de Miami, é muito grande.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 112/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Enfim, quero afirmar aquilo de que me convenci inteiramente: chega de pensar em Revolução! Desde a Revolução Francesa, onde o paroxismo da decapitação pretendia levar à democracia perfeita e conduziu ao Império de Napoleão, essa idéia é maldita. Só agora, depois de todo o século vinte, que acumulou montanhas de cadáveres, isso parece reconhecido. Aqui mesmo, no Brasil, os sobreviventes da luta armada revolucionária optaram, com as suas cicatrizes, pela participação no jogo político democrático. Há, no filme de Tandler, uma frase do Eduardo Galeano que é definitiva, quando ele diz que a História não corre pelo tempo das nossas vidas mas é uma senhora lenta e caprichosa, que não aceita tentativas de imposição sobre o seu ritmo.

Quer tudo isso dizer que se deve abandonar a idéia da Utopia, abdicar dela?

Nunca! De maneira nenhuma! A Utopia existe, é a seiva da árvore da História. A Utopia é inseparável da idéia de Humanidade; é a juventude da Humanidade, seu sonho, sua energia, seu impulso e sua nobreza. Abdicar da Utopia é deixar-se resvalar para a região hedionda do cinismo "realista". Jamais! O que importa é não querer fazê-la realidade através de uma revolução. Importa ver o resplendor da Utopia no horizonte, contemplá-la e cultuá-la, como fizeram Platão e Thomas More, e fazer dela um farol orientador para a caminhada política do dia-a-dia. Manter vivo o ideal, sem esmorecer mas sem ter a arrogância de pretender realizá-lo.

Não é fácil, sei eu. Não é fácil ser socialista, militar num partido socialista e aceitar as concessões que esse partido tem de fazer à realidade capitalista, para não perder o rumo, para não perder o que já conquistou na linha da Utopia.

Mas é assim. A política é assim. Tem que ter suas rendições à crueza da realidade. Tem suas inevitáveis rugas com a ética. Mas a Política, para os idealistas, é o humilde e lúcido caminhar diuturno em direção à Utopia. E um caminhar sempre pelas sendas do humanismo, isto é, da democracia, não da barbárie, ainda que temporária ou momentânea. Ingressamos num novo milênio, e antes do seu fim a Humanidade materializará o Socialismo, é tudo o que eu posso querer. Como Platão e Thomas More, socialistas também. Depois virão outras Utopias: o Ômega da Humanidade estará sempre muito distante, mas visível, iluminando.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br